

ALCINÉA CAVALCANTE, FERNANDO CANTO, LULI ROJANSKI E SILVIO LEOPOLDO – LITERATURA E MEMÓRIA: OLHARES SOBRE O ESPAÇO URBANO DA CIDADE DE MACAPÁ.

Manoel Azevedo de SOUZA¹

RESUMO: Este trabalho propõe discutir memórias, olhares e imagens identitárias da cidade de Macapá a partir das obras literárias de Alcinéa Cavalcante, Fernando Canto, Luli Rojanski e Sílvio Leopoldo. Para os referidos autores a cidade é parte concreta de suas recordações, recorrendo, inúmeras vezes, à lembrança sobre o que se perdeu com o passar do tempo. Como resultado, comprova-se que o diálogo entre a Literatura e memória pode ser fecundo quando evidencia que a percepção poética é um elemento que pode ajudar a compreender a relação entre o homem e o espaço urbano (lugar/cidade).

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Literatura; Macapá.

RÉSUMÉ: Ce travail propose de discuter des souvenirs, des regards et des images identitaires de la ville de Macapá à partir des œuvres littéraires d'Alcinéa Cavalcante, Fernando Canto, Luli Rojanski et Sílvio Leopoldo. Pour les auteurs susmentionnés, la ville est une partie concrète de leurs souvenirs, utilisant à maintes reprises la mémoire de ce qui a été perdu au fil du temps. En conséquence, il est prouvé que le dialogue entre la littérature et la mémoire peut être fructueux lorsqu'il montre que la perception poétique est un élément qui peut aider à comprendre la relation entre l'homme et l'espace urbain (lieu / ville).

MOTS CLÉS: Mémoire; Littérature; Macapá.

¹ Doutor em Sociologia; Professor da Universidade Federal do Amapá (aposentado); Membro da Academia Amapaense de Letras (Cadeira nº 29 – Patrono: Paulo Eleutério Filho)

Escritos ficcionais presentes na literatura constituem um material relevante a ser explorado sob a ótica do imaginário das cidades. (BARREIRA, 2012, p. 27)

Até o ano de 1942, o Amapá estava vinculado ao estado do Pará, com isso as transformações políticas e administrativas em nível nacional, bem como as inovações econômicas introduzidas e implementadas na Amazônia, durante o século XIX, com o ciclo da borracha, não beneficiaram a então Vila de São José de Macapá, ao contrário, esta “sofreria os efeitos negativos da decadência dessa produção extrativista, a partir de 1900. O governo do estado do Pará, em crise econômica suspendeu o pouco que investia na região” (SANTOS, 1994, p. 50). Ainda no ano 1900, a questão litigiosa entre Brasil e França pelo território Contestado² é resolvida pelo Laudo Suíço.

Nesse cenário, a partir de 1943 a antiga Vila de São José de Macapá é desmembrada do estado do Pará sendo criado o Território Federal do Amapá. Macapá foi elevada à categoria de cidade e de capital do novo território e permanece hoje como a capital do estado do Amapá. Desde as primeiras décadas da fase territorial, com a cidade em pleno desenvolvimento urbano, alguns escritores registram em seus textos uma poética viva do passado, uma lembrança da cidade na qual viveram.

Dessa forma, alguns aspectos relevantes que desvendam a natureza coletiva da memória das cidades podem encontrar na literatura um terreno fértil de manifestações, pois mesmo reconhecendo que a Literatura é uma forma de linguagem artística, e como tal, não necessariamente precisa representar os fatos, mas pelo processo de verossimilhança ela acaba nos remetendo à realidade.

Para Delgado (2010), “as cidades, como espaço de vivências coletivas, são paisagens privilegiadas de registros da memória” (DELGADO, 2010, p. 117). Segundo a mesma autora, os poetas fazem de um cenário, “personagens vivas de narrativas que, na interseção com a História, expressam, de forma policromática, a vida das pessoas no cotidiano de suas ruas, praças, cafés, escolas, museus, residências, universidades, fábricas, repartições públicas, bares, cinemas” (DELGADO, 2010, p. 117). Ainda nessa direção, Gomes (1997) ressalta que:

Indagar sobre as representações da cidade na cena escrita e construída pela literatura é, basicamente, ler textos que leem a cidade considerando não só os aspectos físico-geográficos (a paisagem urbana), os dados culturais mais específicos, os costumes, os tipos humanos, mas também a cartografia

² Refere-se a uma disputa de limites geográficos na região amazônica envolvendo França e Brasil, no final do século XIX.

simbólica, em que se cruzam o imaginário... É, enfim, considerar a cidade como um discurso, verdadeiramente uma linguagem, uma vez que fala a seus habitantes... Mapear seus sentidos múltiplos e suas múltiplas vozes e grafias é uma operação poética que procura apreender a escrita da cidade e a cidade como escrita, num jogo aberto a complexidade. (GOMES, 1997, p. 02)

Nessa perspectiva se insere a produção de escritores amapaenses como Alcinéa Cavalcante, Fernando Canto, Luli Rojanski e Sílvio Leopoldo, para eles, as questões da cidade ganham, através da literatura, imagens que constituem relatos sensíveis dos modos de ver a cidade, bem como estabelecem um diálogo entre o passado e o presente.

Desse modo, olhar a cidade pelo “território” da literatura significa poder reinventar, revisitar, reavivar, reencontrar, reescrever, projetar as histórias, os fatos que produzem significados para seus habitantes, portanto, o discurso literário acaba funcionando como um espaço onde surgem outras representações sobre a cidade, pois como observa Gomes (1997) “se na cidade tudo é símbolo, o olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas” (GOMES, 1997, p. 04). Assim, é possível perceber que a cidade, com suas múltiplas faces espaciais e temporais sempre em movimento, proporciona o encontro e/ou reencontro com os lugares do ontem com os sentimentos do hoje.

Alcinéa Cavalcante, Fernando Canto, Luli Rojanski e Sílvio Leopoldo percorrem pelo entrecruzamento de memória, ficção e história, a cidade de Macapá na qual viveram e vivem, registram em boa parte de seus textos uma poética viva do passado, ora em memória, ora numa projeção de relação entre a lembrança e as transformações da imagem da cidade. Desse modo, suas obras convidam os leitores, dentre os mais diversificados para um passeio, através das letras que ora descrevem os cenários preservados pelas memórias, e por elas reedificadas, ora apresentando a inexorável dinâmica do crescimento urbano de Macapá pelos olhares dos referidos poetas.

Leopoldo (2002) estabelece uma estreita relação da cidade de Macapá com alguns elementos significativos que fazem parte de um cenário, que suscitado metaforicamente remetem ao seu mundo interior habitado por reminiscências relacionadas a edificações, ruas, praças, arborização, povo que vão se modificando com o passar do tempo:

*Macapá
 Não simplesmente a capital da “terra do manganês”
 Não a ilusão zero grau dos invasores franceses
 Não a Macapá dos pioneiros
 Nem mesmo a Macapá que depois eu amei*

*Macapá do asfalto... das ruas e praças iluminadas,
Do Palácio do Setentrião...
Mas a Macapá dos periquitos
Nas mangueiras da praça da Matriz,
Do Café Continental e do João Assis,
Macapá dos pretos do Laguinho
Cidade da minha infância.
[...]*

(LEOPOLDO, 2002, p. 138)

O mesmo autor desenvolve diferentes recursos literários para se referir às ruas da cidade de seu passado. Em primeiro plano, trazendo-as com muita emotividade e nostalgia, a descrição das ruas como um palco de representações de vivências cotidianas, pois os usos da rua “viabilizam reflexões sobre as implicações sociais, culturais e políticas de comportamentos e interações que, por se darem nas ruas, podem parecer inexpressivos” (FREHSE, 2009, p. 166). Em segundo plano ressalta que esses espaços íntimos estão recobertos de importantes significações simbólicas, ou seja, “as ruas, mais que os monumentos, constituem o elemento estruturador da cidade” (BARREIRA, 2009, p. 212). Observe-se no texto a seguir o poeta descrevendo e nomeando cuidadosamente as ruas de Macapá, como se estivesse percorrendo-as e nelas encontrando suas raízes, sua cultura, sua identidade:

*Av. Raimundo Álvares da Costa...
Mas na minha infância as ruas não tinham nomes:
- fica ali perto da Fortaleza
- atrás do Zagury
- em frente ao posto do Teixeira
- na rua do Café Society
- adiante da casa do Mestre Oscar
- ao lado da Escola Industrial
- no quarteirão do Estádio
- descendo o Igarapé das Mulheres
Perto ficava a casa do Vagalume... (LEOPOLDO, 2002, p. 138)*

Nessa perspectiva, percebe-se que “as ruas são lugares vivos das cidades, são locais de tensões, são movimentos em busca de encontros. São também, como as cidades, simultaneamente, signos de tradições e signos de transformações” (DELGADO, 2010, p. 119), e ainda que “os usos da rua são libertados de sua suposta insignificância teórica” (FREHSE, 2009, p. 165), visto que “descrever e/ou interpretar usos da rua é sensibilizar-se com o cotidiano no mundo moderno” (FREHSE, 2009, p. 166). Veja-se como Canto (1987) refere-se à importância das ruas, como lugares públicos, nas transformações pela qual a cidade de Macapá passava a partir da segunda metade do século XX:

Mesmo agora, quando as ruas da cidade estão tomadas por carros e motocicletas, e se escuta no rádio um locutor esbravejando contra a passividade e a desatenção do ciclista, este não muda. [...] isso faz parte de nossa cultura local e se constitui um elemento tradicional da cidade, que mesmo crescendo, expandindo-se e com uma série de novos aparatos urbanos, vai cursando sua vida sempre com as bicicletas trafegando poeticamente em suas ruas. (CANTO, 1987, p. 14)

Ainda nesse processo de significação dos espaços simbólicos da cidade de Macapá evocada pelas lembranças dos referidos poetas, vale ressaltar a importância da casa como um lugar sugestivo, como um espaço de representatividade, pois conforme Bachelard (2000) “com a imagem da casa, temos um verdadeiro princípio de integração psicológica” (BACHELARD, 2000, p. 20), que por um lado pode ser transformada, na medida em que o tempo passa e o sujeito vai se modificando, por outro, ultrapassa a temporalidade para estabelecer laços imaginários entre o passado e o presente. O referido autor acrescenta ainda que “a imagem da casa se torna a topografia do nosso ser íntimo” (BACHELARD, 2000, p. 20). Assim sendo, a casa pode revelar um pouco da intimidade na relação entre os sujeitos e os espaços da cidade:

*Macapá,
Av. Raimundo Álvares da Costa
A casa de meus pais,
Um dia vim embora pra Belém.
Acabou.
Macapá.
Meus pais aposentados
Macapá outra, Macapá boa, Macapá de sempre saudade.
como a casa de meus pais. (LEOPOLDO, 2002, p. 138)*

Em Cavalcante (2012) a casa atual mostra-se esvaziada e desinteressante e personagens passam a habitar, imaginariamente, o espaço outrora atraente e colorido, recheado de ornatos e enfeites, da casa passada, casa da infância, evidenciando que “as diversas moradas de nossa vida se interpretam e guardam os tesouros dos dias antigos” (BACHELARD, 2000, p. 25):

*Quero de volta
a paisagem antiga da minha rua
com suas casinhas brancas
cobertas de palha
gamela no jirau
fogão de barro na cozinha
e passarinhos no quintal.
[...]*

*Quero de volta
a paisagem antiga da minha rua
com minha casa de venezianas cor-de-rosa,
minha mãe no alpendre
bordando flores nos lençóis
e minha avó rezando o terço.
[...]
(CAVALCANTE, 2012, P. 16)*

Para Canto, a imagem da casa torna-se um espaço cheio de lirismo, um espaço poético, mítico que reinterpreta lastros da identidade amapaense, a casa deixa de ser, então, uma “casa-cenário” para se converter em “casa-personagem”:

*Meu endereço é bem fácil
é ali no meio do mundo
[...]
A casa por onde paro
qualquer carteiro conhece
é feito de sonho e linha que brilha
quando anoitece.
Na minha casa se tece
mesura na luz do dia
pra afugentar quebranto na hora da fantasia.
[...]
(CANTO; MIGUEL, 2007, CD)*

As ruas e as casas como espaços das cidades estão entre as temáticas mais evocadas, quer pelas lembranças de um passado distante, ou pelas ressignificações do presente. E os escritores trazem esses espaços e seus aspectos relevantes à obra literária, ora como temática, ora como personagem, ora como elemento de coesão que nos ajuda a compreender a relação entre o homem, a cidade e seus espaços.

Nessa direção, Rojanski descreve a cidade de Macapá como um reencontro, um fio condutor, por um lado de nostalgia, por outro ressignificando os espaços da cidade, o povo, os sonhos, por meio de imagens literárias que percorrem o passado ao presente e vice-versa:

*Macapá era criança quando a vi pela primeira. Cresci como uma menina ribeirinha, na margem esquerda do canal norte do rio Amazonas, respirando os ventos cheirando a floresta trazidos pelas marés. [...] A cidade criança ficou no retrato... e nele ainda roda a saia florida das acácias, um rio colossal coleciona ondas de mar, a Fortaleza secular adormece os negros que a fizeram. Naquele tempo, e naquele retrato, a menina Macapá tinha um doce de quem vai prosperar sob as boas chuvas do futuro.
(ROJANSKI, 2002, p. 108).*

Os espaços da cidade representam patrimônios simbólicos historicamente compartilhados com o povo, por um lado construindo a ideia de pertencimento ao lugar, por outro a busca pela preservação de uma herança cultural diante da inevitável transformação urbana com o decorrer do tempo:

Pela manhã, ela abria os olhos sob a luz de um sol tropical, e janelas preguiçosas também se abriam, para olhar de frente o velho trapiche que aportava os sonhos dos poetas daquele tempo. [...]

Macapá sabia que um dia tudo iria mudar. E sorria, se lhe dissessem que aí vinha o terceiro milênio. Por entre paisagens de nuvens azuis e de horizontes de fogo, esperava que as mãos de seus homens lhe dessem belas ruas, infindáveis jardins, casa de sonho, prédios e gente que tivessem como função cuidar de seu povo. (ROJANSKI, 2002, p.108).

Para Canto (2002), a cidade de Macapá dentro da imensa Amazônia, passa a oferecer-se como assunto, como uma fonte de inspiração favorecida que é pela natureza. Nesse sentido o poeta apresenta determinadas características, que contribuem para reforçar a imagem que projeta de alguns elementos da natureza e que se fundem com a própria história da cidade e de seu povo.

*Nós que guarnecidos em fortalezas,
E trocados pela linha imaginária
Do equador, somos forçados
E pela voz que a paisagem, a gente
E a história fotografam em nossa mente.
A terra, o rio, a chuva e o sol do equador
Encerram em si um micro mundo,
Autêntico, que provoca
A dança da criação
Um ritmo de fatos vivenciados e amados
Durante todo um tempo
Em que enraizamos
E nele formamos nossa cultura
[...]*

(CANTO, 2002, p.52)

A cidade está contida em um espaço geográfico, e vai muito além do que os olhos são capazes de enxergar, é formada por elementos visíveis e invisíveis. Assim, para Canto (2002), a cidade tem personalidade, tem alma, pois, como afirma Yázigi (2001) “Há alma quando há paixão das gentes pelo lugar” (YÁZIGI, 2001, p.24). Observe-se como o referido poeta apresenta os seus sentimentos pela cidade, através das diversas metáforas presentes nos versos:

Minha Maca(pá)
carrego e cavo teu cansaço
de eterna transposição de pedras
onde o coração bombeia líquidos astrais
e o fogo se enterra em labaredas vãs...
 (CANTO, 2002, p.52)

Ao se referir à alma do lugar (Macapá), Canto (2002) se utiliza da memória e nela, de algumas histórias que retratam fatos da vida que movimentam a cidade, que imprimem personalidade, que a torna única, diferente de outra cidade:

Quando passou por aqui o primeiro avião eu estava com dois anos de idade, mas pelos meus antepassados eu soube de muitas coisas que se passaram na época (1923), e inclusive o Sr. Eufrásio foi o homem que com a chegada do avião conseguiu nos dar uma grande música do Marabaixo³ que tem o título de “A irmã Catita viu o salão/Assim, atracada assim eu não subo não.”
 (CANTO, 1987, p. 58)

Nesse sentido, o lugar pode ser percebido com os olhos, pelo tato ou até mesmo pelo olfato. Muitas vezes, com os olhos fechados, podemos nos remeter através de lembranças a um lugar por um cheiro ou um som, assim, seremos capazes de sentir onde estamos com o mais profundo contato, sem que os nossos olhos vejam aquela paisagem, perceber o ontem e comparar com o hoje por meio das memórias do lugar, pois, segundo Nora (1993) “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento ...” (NORA, 1993, p. 13). Na mesma direção Abreu (2011) afirma que “A cidade é uma das aderências que ligam indivíduos, famílias e grupos sociais entre si, uma dessas resistências que não permitem que suas memórias fiquem perdidas no tempo, que lhes dão ancoragem no espaço” (ABREU, 2011, p. 28). Assim, a memória pode ser vista como construção cultural do presente.

Portanto, contata-se que o lugar é o referencial da experiência vivida, pleno de significação, é mais que um espaço ou uma paisagem, nele estão as raízes de seus moradores, porque à medida que o ser humano intensifica as experiências vividas nos lugares, ativam-se os sentimentos de pertencimento e afetividade.

Leopoldo, atento a essa questão descreve sentimentos nostálgicos concebidos por uma certa ausência do que, no passado, eram elementos de integração, como os lugares coletivos, que faziam parte da paisagem cotidiana da cidade de Macapá:

A Av. Raimundo Álvares da Costa
Onde se brincava de bola

³ É a principal manifestação folclórica do Amapá.

*Pés descalços na piçarra
O nosso time contra o time do Amauri,
Velho Perez ia pra roça com terçado,
Seu Bandeira vinha aplicar injeção.
De noite as famílias iam pra frente das casas
Conversavam sobre não sei o quê
Conversa de gente grande.
[...]*

(LEOPOLDO, 2002, p. 138)

Conforme Delgado (2010) diante da segmentação da vida, os espaços e lugares são fundamentais para a construção e a solidificação de identidades, pois essas têm fronteiras e espaços delimitados, como os das cidades. Desse modo, “são as cidades que alimentam o imaginário sobre elas mesmas e que, através de suas edificações, praças, ruas, cafés, bairros e alamedas, definem para as pessoas referências e sentimentos fundamentais de sua vida” (RODRIGUES, *apud* DELGADO, 2010, p. 121).

Assim, para Rojanski, (2010) lembrar-se de um lugar que desapareceu da paisagem urbana é “mais do que reativar a memória é reviver experiências passadas” (DELGADO, 2010, p. 121), que a identificam com Macapá. É perceber a cidade como um espaço da subjetividade e da intimidade, espaço que resiste à mudança, a princípio inexorável, da cidade, pois, conforme afirma Barros (2006, p. 45), “A importância da cidade se faz sentir nas lembranças não como uma entidade em abstrato, mas como experiência de vida”. É ao mesmo tempo assegurar que as experiências passadas não fiquem apenas como vestígios em um quadro numa parede qualquer:

Agora... os jambeiros da General Rondon derramam flores nas calçadas, as mangueiras da Leopoldo Machado pingam mangas até março, raios de sol atravessam as paredes pétreas da secular Fortaleza, iluminando os fantasmas da história. Meninos amanhecem colorindo com pipas o céu amarelinho das margens do rio, cujas águas ondulam brancos barquinhos... os mesmos meninos que lançam às águas morenas seus corpinhos de peixe, toda a tarde. As andorinhas dos fios elétricos da Cândido Mendes vêm de volta em abril, fugindo dos frios do sul do Brasil, e Macapá lhes oferecerá frondosas árvores. (ROJANSKI, 2010, p. 109).

As transformações, os lastros das mudanças da cidade de Macapá, principalmente a partir do surgimento da zona de livre comércio implantada oficialmente a partir de 1993, estimulam um novo olhar, uma nova forma e até mesmo novos significados sobre a cidade. Dessa forma, as cidades nas quais vivemos “são essências do presente imposto. As cidades das quais nos lembramos são alimento das recordações ,

suporte de um passado perdido” (DELGADO, 2010, p. 123), e ainda, o simples fato de vivermos em um espaço já nos identifica socialmente, reconhecendo-se nele um espaço vivido, pois, quando buscamos, com frequência, dissipar o tempo, ao “transformar as cidades de nossa imaginação em relíquias” (DELGADO, 2010, p. 123), buscamos de certo modo “ressignificar a vida presente, reencontrar lugares e pessoas” (DELGADO, 2010, p. 123), como o fazem Canto (2010) e Rojanski (2001), nas crônicas a seguir:

Há tempos que pessoas ligadas ao ramo da música e de bar tentam fazer um clube de choro em Macapá [...]
Lembro-me de Amilar Brenha com seu inseparável bandolim tocando peças de sua autoria, acompanhado por Nonato Leal, Sebastião Mont’Alverne, Rui Lima, Walber Silva e Zé Crioulo. Eram momentos raros em ocasiões praticamente forjadas, pois morava em Mazagão e, para que aqui chegasse, só indo buscá-lo. O velho era imprescindível.
 [...]

(CANTO, 2010, p. 60)

Em caminhadas crepusculares pelas ruas da cidade, pergunto-me por onde estarão perdidos neste setembro aqueles meninos que soltam pipas em julho. Vi um deles passando ali pela esquina entre as avenidas Rio Pedreira e Rio Tocantins. Sobre sua cabeça havia mil bolhas imaginárias ocupada pelas maquinações da infância [...].
Agora que o menino está sonhando, Macapá sente a falta de pipas cruzando o céu, transportando o sonho de voar do menino.
 (ROJANSKI, 2001, p. 79)

Essas duas narrativas comprovam que as memórias, registros das mudanças, apresentam-se como um grande desejo de retenção do passado. Desse modo, o passado mistura-se nas lembranças, sempre atemporais, e as esperanças futuras, mesmo quando contraditórias, também se misturam em convivências às vezes harmônicas. De fato, “a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparadas por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada” (HALBWACHS, 2009, p. 91).

Figura 1 – O desenvolvimento urbano da cidade de Macapá



Centro urbano em 1965



centro urbano em 2013

Fonte: Acervo público de Macapá

Por isso, em Cavalcante (2012), Canto (1987; 2002; 2010), Leopoldo (2002), e Rojanski (2001), a noção do tempo como avaliação de um antes e um depois faz com que enxerguem na cidade de Macapá, dos “bons tempos” (o passado), as transformações do ambiente e dos costumes, porém com o intuito de não deixar cair no esquecimento os cenários da vida passada:

*Quero de volta
a paisagem antiga da minha rua
só pra sonhar de novo
os sonhos que sonhei na infância
cheia de fadas, princesas,
cirandas e varinha de condão.*

(CAVALCANTE, 2012, P. 16)

Figura 2 – O crescimento econômico da cidade de Macapá



A rua do comércio de Macapá em 1960.



1º Shopping de Macapá inaugurado em 2013.

Fonte: Acervo público

Nesse sentido, as inter-relações entre a literatura, cidade e memória fazem do diálogo entre o passado e o presente, um recurso pleno de significados e vivências. Assim, a cidade, com as suas paisagens e enquanto espaço de vivências comuns, passa a oferecer-se como assunto, como uma fonte privilegiada e rica de transcrições da memória. “A pena dos escritores faz dessas paisagens personagens vivas de narrativas” (DELGADO, 2010, p. 117).

Portanto, construir novas leituras e novos olhares sobre o espaço da cidade de Macapá, a partir do olhar e da produção literária dos escritores amapaenses, nos remete a figura do *flâneur* (observador) que, conforme Benjamin (2000), não possui somente a cidade a sua disposição, mas também suas histórias e a população que a compõem. Assim, os textos literários desses escritores, por um lado nos convidam a lançar um olhar atento para um outro tempo, para o tempo de despertar os sentimentos, ato essencial ao indivíduo; por outro lado abrem uma janela com reflexões e inquietações entre o passado e o presente.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARREIRA, Irllys. *Cidades Narradas: memória, representações e práticas de turismo*. Pontes Editores, 2012.
- BARREIRA, Irllys. *Narrativa de Lisboa*. FORTUNA, Carlos; PROENÇA, Rogério (Orgs.) *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009.
- BARROS, Myriam Moraes de. *A Cidade dos Velhos*. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Antropologia Urbana – Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2006.
- CANTO, Fernando. *Adoradores do Sol: novo textuário do meio do mundo* (“Dia do choro” - crônica). São Paulo: Scortecci, 2010.
- CANTO, Fernando. *Macapá, Recortes Poéticos: Coletânea de textos literários sobre a cidade de Macapá* (“Dança da criação” - poema). Macapá: Ética Editora, 2002.
- CANTO, Fernando. *Telas e Quintais* (“A chegada do primeiro avião em Macapá - crônica”). Macapá: Imprensa Oficial, 1987.
- CAVALCANTE, Alcinéa. *Paisagem Antiga* (“Paisagem antiga”- poema). Scortecci, 2012.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempos, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

- FREHSE, Fraya. *Usos da rua*. In: FORTUNA, Carlos; PROENÇA, Rogério (Orgs.) *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2009.
- LEOPOLDO, Sílvio. *Macapá, Recortes Poéticos*: Coletânea de textos literários sobre a cidade de Macapá (*Evocação de Macapá* - poema). Macapá: Ética Editora, 2002.
- MIGUEL, José & CANTO, Fernando. *Meu endereço*. CD e DVD, 2007.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo: Pioneira, 1993.
- GOMES, Renato. *Cartografias Urbanas*: representações da cidade na literatura. Revista Semear n° 1- PUC/Rio de Janeiro. 1997.
- ROJANSKI, Luli. *Lugar da chuva*: crônicas do Amapá (“Meninos de julho” - crônica). São Paulo: Escrituras, 2001.
- ROJANSKI, Luli. *Recortes Poéticos*: Coletânea de textos literários sobre a cidade de Macapá (“Macapá, minha cidade” - crônica). Macapá: Ética Editora, 2002.
- SANTOS, Fernando dos. *História do Amapá*. Macapá: Vulcan, 1994.
- YÁZIGI, Eduardo. *A Alma do Lugar: Turismo, Planejamento e Cotidiano*. In: RODRIGUES, Simone. *Identidade Cultural e Territorial na cidade de Tiradentes – MG*. São Paulo: Contexto, 2001.